

VIVÊNCIAS DE GRUPOS DE DINÂMICAS EM UMA CLÍNICA PSICOLÓGICA UNIVERSITÁRIA

*Letícia Akemi Shiki,
Michele Regina Ganeio,
Maíra Bonafé Sei,
Daniel Polimeni Maireno*

RESUMO

O presente relato de experiência tem por objetivo apresentar e discutir experiências práticas advindas de um projeto de extensão que oferece o dispositivo de grupos abertos a qualquer interessado, sem necessidade de agendamento prévio, e acontece no serviço-escola de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Dentre todas as atividades vinculadas a este projeto, será dado destaque ao trabalho realizado junto à população adulta. Antes disso, almeja-se discorrer sobre a implantação deste projeto, suas estratégias interventivas – que incluem realização de dinâmicas grupais diversas (de apresentação, reflexivas, motivacionais, recreativas, de relaxamento etc.) – bem como seus efeitos junto ao público atendido. Aponta-se, assim, que este projeto começou como um serviço voltado apenas às pessoas que estavam na lista de espera para atendimento em psicoterapia individual, vindo posteriormente a expandir sua abrangência devido à crescente demanda, chegando atualmente ao formato atual de abertura a toda comunidade, visando, por um lado, diminuir a taxa de evasão dos inscritos na lista de espera e, por outro, promover a saúde mental à comunidade como um todo. Além disso, recorre-se às discussões acerca do papel e potencial dos grupos de sala de espera, tecendo considerações sobre a importância de se criarem novas estratégias de prevenção e promoção de saúde. Nota-se que os grupos de dinâmica contribuíram para ampliar o acesso da população à Clínica Psicológica da UEL e diversificar as propostas não destinadas apenas ao tratamento, mas também à prevenção em saúde, fomentando o papel social das clínicas psicológicas universitárias.

Palavras-chave: Extensão universitária. Psicologia clínica. Dinâmica de grupo. Prevenção e promoção da saúde.

EXPERIENCES OF GROUP DYNAMICS IN A UNIVERSITY PSYCHOLOGICAL CLINIC

ABSTRACT

The present experience report aims to present and discuss practical experiences coming from an extension project that offers the device of open groups to any interested person, without the need for prior scheduling, that happens in the psychological university clinic of the State University of Londrina. Among all the activities related to this project, emphasis will be given to the work done with the adult population. Prior to this, it is hoped to discuss the implementation of this project, its intervention strategies - including the realization of

diverse group dynamics (presentation, reflective, motivational, recreational, relaxation, etc.), as well as its effects on the public served. It is pointed out, therefore, that this project began as a service aimed only at people who were on the waiting list for individual psychotherapy, and later expanded its scope due to the increasing demand, arriving at the current format of openness to the whole community, to reduce the rate of evasion on the waiting list and, on the other hand, to promote mental health for the community as a whole. In addition, discussions are held about the role and potential of waiting-room groups, reflecting on the importance of creating new strategies for prevention and health promotion. It should be noted that the dynamics groups contributed to increase the population's access to the Psychological Clinic of UEL and to diversify the proposals not only for treatment but also for health prevention, fostering the social role of psychological university clinics.

Key words: University Extension. Clinical Psychology. Group Dynamic. Prevention and Health Promotion.

LAS EXPERIENCIAS DE LA DINÁMICA DE GRUPO EN UNA CLÍNICA UNIVERSITARIA DE PSICOLOGÍA

RESUMEN

El presente relato de experiencia tiene por objetivo presentar y discutir experiencias prácticas provenientes de un proyecto de extensión que ofrece el dispositivo de grupos abiertos a cualquier persona interesada, sin necesidad de programación previa, que ocurre en el servicio-escuela de Psicología de la Universidad Estadual de Londrina. Entre todas las actividades vinculadas a este proyecto, se dará destaque al trabajo realizado junto a la población adulta. Antes de eso, se anhela discurrir sobre la implantación de este proyecto, sus estrategias de intervención - que incluyen realización de dinámicas grupales diversas (de presentación, reflexivas, motivacionales, recreativas, de relajación, etc.), así como sus efectos junto al público atendido. Se apunta, así, que este proyecto comenzó como un servicio orientado sólo a las personas que estaban en la lista de espera para atención en psicoterapia individual, llegando posteriormente a expandir su alcance debido a la creciente demanda, llegando actualmente al formato actual de apertura a toda comunidad con el fin de disminuir la tasa de evasión de los inscritos en la lista de espera y, por otra, promover la salud mental a la comunidad en su conjunto. Además, se recurre a las discusiones sobre el papel y potencial de los grupos de sala de espera, considerando consideraciones sobre la importancia de crear nuevas estrategias de prevención y promoción de la salud. Se observa que los grupos de dinámica contribuyeron a ampliar el acceso de la población a la Clínica Psicológica de la UEL y diversificar las propuestas no destinadas sólo al tratamiento, sino también a la prevención en salud, fomentando el papel social de las clínicas psicológicas universitarias.

Palabras clave: Extensión Universitaria; Psicología Clínica; Dinámica de grupo; Prevención y Promoción de la Salud.

INTRODUÇÃO

Os serviços-escola de Psicologia se organizam como espaços nos quais os estudantes de Psicologia podem colocar em prática aquilo que havia sido aprendido apenas na teoria ([PERES; SANTOS; COELHO, 2003](#)). Por estarem alocados nas universidades, usualmente buscam integrar os três vértices que representam o trabalho universitário, a saber, ensino, pesquisa e extensão ([MARTURANO; SILVARES; OLIVEIRA, 2014](#)). Com isso, pode-se fomentar uma posição de questionamento sobre as práticas empreendidas, delineando novas propostas e ofertando à população intervenções mais próximas às necessidades desse público. Além disso, entende-se que esses espaços devem integrar as necessidades da formação do estudante e da atenção à comunidade, por meio de experiências advindas de projetos de extensão e demais ações oferecidas pelos serviços-escola ([BOECKEL et al, 2010](#)).

Contudo, observa-se que esses serviços apresentam frequentemente longas filas de espera que podem contribuir para a desistência do atendimento ([MILAGRE; DIAS, 2012](#)). Em relação à alta procura pelo atendimento nos serviços-escola de Psicologia, com diversas queixas apresentadas por uma clientela de camadas populares, [Peres \(1997\)](#) entende essas solicitações como reações às desfavoráveis condições de vida em que geralmente tal população está submetida e à sua desproteção diante de tais condições. Diante do cenário da formação em Psicologia e da atuação dos serviços-escola de Psicologia, [Löhr et al \(2013\)](#) defendem o desenvolvimento de estratégias de prevenção e promoção da saúde, especialmente tendo em vista as filas de espera existentes e a necessidade de flexibilização da formação do psicólogo.

Entretanto, juntamente com a grande demanda, existe uma alta taxa de desistência dos atendimentos nos serviços-escola de Psicologia, antes mesmo do atendimento se iniciar. Dentre os diversos fatores relacionados à evasão das pessoas, um dos principais motivos que interferem nessa questão é o longo período durante o qual as pessoas ficam na fila de espera para serem atendidas, devido à grande demanda pela atenção psicológica ([GUERRELHAS; SILVARES, 2000](#); [MILAGRE; DIAS, 2012](#)).

Larrabure (1984 apud [GUERRELHAS; SILVARES, 2000](#)) defende a necessidade de se reestruturarem os serviços ofertados pelos serviços-escola de Psicologia e coloca os grupos de espera como uma alternativa para mudar o modelo já existente, justificando que os modelos tradicionais não estão dando conta de responder essas questões.

Tendo em vista esse panorama e como uma via de atendimento a essa demanda, visto que se devem sempre oferecer intervenções efetivas com base na realidade da população que busca o serviço, propôs-se, por meio de um projeto de extensão, grupos de espera na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como uma alternativa de atendimento imediato e eficaz, com o intuito de favorecer a formação de vínculo das pessoas com a Clínica, diminuir a taxa de evasão e promover a saúde mental.

Os grupos de espera da Clínica Psicológica da UEL caracterizam-se como grupos abertos nos quais se realizam diferentes dinâmicas a cada dia. Dividem-se em faixas etárias – crianças, adolescentes e adultos – e acontecem nos períodos matutino, vespertino e noturno, de forma a facilitar o acesso da população à proposta. Um tempo depois foi criado o grupo na própria sala de espera da Clínica Psicológica da UEL, que focaliza a população adulta; por acontecerem na sala de espera da clínica, acabam por acolher aqueles que estão no local e desejam participar da atividade, sendo esta sempre de caráter manual (p.ex. origami).

No que se refere à proposta de grupos de dinâmicas, pode-se apontar para o trabalho empreendido por [Silva \(2002\)](#), que traz em seu estudo a ideia de metodologia participativa. Essa metodologia busca inserir o indivíduo, com suas emoções e sentimentos, como parte do processo de promoção de saúde e cidadania. Com isso, as atividades não se caracterizam como grupos de caráter informativo, mas como ações desencadeadoras de condutas preventivas. Faz-se importante criar situações que propiciem a reflexão sobre questões subjetivas, interpessoais e de convivência em sociedade, para chegar no que é essencial nos trabalhos propostos. Como a autora indica, o coordenador tem o papel de facilitador da emancipação social das pessoas, promovendo o delineamento de subjetividades e sociabilidades mais pautadas na saúde ([SILVA, 2002](#)).

Em relação à sala de espera, nota-se que esse é um campo dinâmico, no qual acontecem vários fenômenos psíquicos, culturais, singulares e coletivos. O trabalho nesse espaço mobiliza diferentes pessoas que aguardam o atendimento ou aguardam alguém que está sendo atendido. Cabe apontar que, a princípio, essas pessoas não formam um grupo, mas um agrupamento, pois geralmente não se conhecem e não mantêm um vínculo estável ([ZIMERMAN, 2000](#)). Entretanto, quando os profissionais instalam esse tipo de atividade, forma-se um trabalho de grupo específico daquele contexto, que é mantido pela iniciativa dos que iniciaram esse processo participativo ([TEIXEIRA; VELOSO, 2006](#)).

De acordo com [Teixeira e Veloso \(2006\)](#), a sala de espera é um espaço no qual aparecem aspectos subjetivos como expressões, vivências, espontaneidade e senso comum. É por meio das atividades em grupo na sala de espera que os coordenadores do grupo se inserem nesse espaço e o ressignificam, interagindo com as pessoas e promovendo a saúde mental.

Em relação ao enquadre, essa modalidade grupal consiste em pouca estruturação. Normalmente, ocorre na própria sala de espera, aproveitando o agrupamento formado espontaneamente. Assim como os outros, esse é um grupo aberto e com composição flutuante, geralmente sendo heterogêneo quanto a idade, sexo e nível de participação ([VERÍSSIMO; VALLE, 2005](#)).

Considera-se que esse tipo de intervenção não se caracteriza como um grupo psicoterapêutico propriamente dito, destinado à aquisição de *insight* ([ZIMERMAN, 2000](#)), e pode se organizar por meio de propostas que incluem dinâmicas de grupo e atividades expressivas em geral. Entende-se que essas atividades favorecem o desenvolvimento do sujeito, diante das diversidades e variações das características grupais. Assim, focalizam-se as habilidades técnicas e o manejo de ações coletivas, identificando a realidade psicossocial das pessoas, seus territórios e as formas de relação participativas de intervenção ([TEIXEIRA; VELOSO, 2006](#)).

Desse modo, objetiva-se relatar a experiência junto aos grupos de dinâmicas da Clínica Psicológica da UEL, com foco nas questões referentes aos grupos junto à população adulta, ilustrando e discutindo diversos aspectos que permeiam seu funcionamento.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência que apresenta as atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão acima caracterizado, cujas atividades são realizadas na Clínica Psicológica da UEL.

Funcionamento dos grupos de dinâmicas

Os grupos de dinâmica tiveram seu início no ano de 2015, com o intuito de se configurarem como um espaço para acolhimento dos inscritos na lista de espera da Clínica Psicológica da UEL ([GUERRELHAS; BUENO; SILVARES, 2000](#)). A princípio, a proposta consistia na realização semanal de dinâmicas de grupo previamente programada pelos coordenadores destinadas às pessoas inscritas na lista de espera da psicoterapia individual. Desde seu início, o projeto procurou contemplar três faixas etárias, separando os grupos em crianças (até 11 anos), adolescentes (12 a 17 anos) e adultos (maiores de 18 anos), de maneira a se alcançar alguma homogeneidade do público participante.

Com o passar do tempo e o acúmulo da experiência, os grupos adotaram um caráter aberto, visando a partir de então a promoção da saúde da comunidade interna e externa à universidade, abrindo as portas a qualquer um que apresentasse interesse em participar. Com essa abertura, os grupos passaram a ter como objetivos mais imediatos e amplos o crescente exercício da palavra como mediação para lidar com os mal-estares e sofrimentos humanos; o estabelecimento do vínculo emocional de confiança com os dispositivos clínicos oferecidos pelo serviço-escola de Psicologia como um todo; e a familiarização progressiva dos participantes com um ambiente de promoção da saúde pautado nas trocas interpessoais, no contato com a diversidade e na prática do cuidado mútuo.

Ainda com o intuito de facilitar o acesso da população, optou-se por criar mais de um grupo para cada faixa etária, em diferentes períodos do dia, para que quem não tivesse disponibilidade de horário de manhã, por exemplo, pudesse ir à tarde. O número de participantes por grupo, tanto mínimo quanto máximo, nunca foi preestabelecido, razão pela qual ora as reuniões aconteciam contando apenas com a presença de um participante e os coordenadores – que geralmente atuam em duplas ou trios –, ora reuniam por vez mais de uma dezena de participantes.

A divulgação e convite das pessoas à participação dos grupos ocorreu inicialmente por meio de ligações para as pessoas inscritas na lista de espera da Clínica Psicológica da UEL, mas com a ampliação do alcance à comunidade em geral, passou-se também à colagem de cartazes e folhetos em escolas de Londrina, em serviços de saúde como o Hospital das Clínicas (HC), em serviços da Assistência Social como o CREAS, e nos diferentes espaços da própria universidade. Além disso, passou-se a informar às pessoas que se dirigiam à Clínica Psicológica que inserissem seu nome na lista de espera, pois o grupo era uma possibilidade de espaço de escuta, enquanto não surgisse a vaga para a triagem inicial. A divulgação dos grupos de dinâmica também era feita durante as triagens, momento no qual se questionava se havia interesse no atendimento em grupo, informando-se os horários nos quais esses grupos aconteciam.

Sabe-se que cada faixa etária se interessa por temas diferentes, porém os coordenadores dos diferentes grupos tentavam abordar temas que seguiam uma mesma linha, sempre que a continuidade de pelo menos alguns dos participantes das reuniões assim o permitia e justificava. Fazia-se uso de dinâmicas, jogos lúdicos e atividades recreativas, corporais e artísticas que possibilitassem o desenvolvimento do grupo e do tema de maneira agradável, sem suscitar muitas resistências ([YALOM; LESZCZ, 2006](#)), haja vista que o caráter aberto do grupo transforma-o em um grupo de encontro único para um ou outro participante.

Com os adultos, a cada encontro eram trabalhados temas como família, medo, ansiedade, autoconhecimento. A partir deles era proposta uma dinâmica ou atividade relacionada para que ela pudesse proporcionar a discussão. Por exemplo, diante da proposta de se trabalhar o tema do autoconhecimento, solicitava-se que os participantes escrevessem em uma cartolina qualidades que acham que as pessoas têm ou que seria importante ter. Após término da escrita, solicitava-se que os participantes iniciassem a discussão com algumas questões planejadas anteriormente; pedia-se que apresentassem quais qualidades haviam escrito, se conseguiam ver essas qualidades em si próprios, quais qualidades acham importantes e por qual razão. Entretanto, muitas outras perguntas e reflexões podem surgir a partir das falas dos participantes e da dinâmica grupal, sendo imprescindível que os coordenadores se atentem ao que fazem e trazem.

No grupo de crianças e adolescentes são propostas muitas atividades com jogos, tais como Banco Imobiliário, Quase morri de raiva, Jogo da Vida, além de atividades manuais, como confecção de bonecos com materiais recicláveis, cadernos, desenhos, pintura. Pode-se também propor atividades embasadas em temas, tal como realizado nos grupos com adultos, sendo que cada atividade é relacionada e adaptada à idade e às demandas dos participantes, o que não impede, por exemplo, de serem feitas atividades de jogos ou brincadeiras com os adultos também.

Os encontros têm duração aproximada de 1h30, tendo cada modalidade (grupo adulto matutino, vespertino e noturno; grupo adolescente matutino e vespertino; e grupo infantil matutino e vespertino) uma frequência semanal em salas destinadas ao atendimento grupal. A coordenação é realizada por dois ou três discentes de Psicologia, que contam com um encontro semanal de supervisão, discussão de textos e de questões pertinentes ao projeto realizados por docentes vinculados ao projeto de extensão. Assim, cada encontro é planejado com antecedência de, no mínimo, uma semana. Um tema é escolhido e, em seguida, procuram-se dinâmicas e atividades para compô-lo, pensando sempre no tempo de duração do encontro.

Além dos grupos já mencionados, há uma modalidade de grupo que acontece na própria sala de espera da Clínica Psicológica e, diferentemente dos outros, não se escolhe um tema específico para ser trabalhado com dinâmicas. Ao invés disso, trabalha-se com alguma atividade manual, como origami, objetos decorativos, cartões etc., para que todos que tiverem interesse possam participar da confecção, ao mesmo tempo em que interagem entre si e partilham experiências em comum ([CINTRA; MACUL, 2006](#)). Esse grupo ocorre no período matutino e tem frequência semanal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere aos resultados obtidos por meio dos grupos de dinâmicas, observa-se uma vinculação da população às atividades oferecidas, em consonância com a proposta de [Guerrelhas e Silves \(2000\)](#). Além disto, os integrantes dos grupos relataram melhoras após a participação nessas atividades. Assim, apesar de o grupo não ter uma proposta psicoterapêutica, caracterizando-se mais como um grupo de viés comunitário ([ZIMMERMAN, 2000](#)), observa-se a ação de fatores terapêuticos ([YALOM; LESZCZ, 2006](#)) por meio da proposta grupal.

Em relação à escolha de temáticas para as atividades de cada encontro, algumas vezes elas são sugeridas pelos participantes; outras vezes os coordenadores percebem a necessidade de se trabalhar algum tema de acordo com os participantes. Quando isso

não ocorre, os coordenadores selecionam um tema aleatório e pertinente ao projeto. Um exemplo refere-se à Márcia (serão usados nomes fictícios ao citar os participantes), que tinha acabado de fazer 18 anos e participou do grupo de adultos. Ao final, ela relatou para as coordenadoras que tinha dificuldade de se relacionar com adultos e estava angustiada com essa fase de transição da adolescência para a vida adulta. As coordenadoras indicaram a participação dela no grupo de adolescentes, indicando que sugeririam ao coordenador que esse tema fosse discutido com ela e com os demais que poderiam estar passando pela mesma situação. Um exemplo do grupo infantil é o de Mateus, que tinha 11 anos e estava angustiado com a fase de transição da infância para adolescência. Ao notarem tal fato, as coordenadoras resolveram abordar o tema no grupo e o ajudaram a passar para o grupo de adolescentes e a lidar com essa questão.

Vanessa, participante do grupo de adultos, sugeriu que fosse trabalhado o tema “paciência”. Na semana seguinte esse tema foi discutido, e ela relatou que gostou da forma como ele foi abordado, continuando a participar do grupo por muitas semanas. Faz-se sempre uma tentativa de trabalhar o tema na semana seguinte após a qual ele é sugerido, ou assim que possível, por ser uma forma de buscar atender à demanda das pessoas e ao motivo que fez com que procurassem o grupo.

No grupo de adultos, uma via de acesso à opinião dos participantes sobre o grupo é uma ficha de feedback entregue a todos ao final de cada grupo, para que avaliem o tema, as atividades e deem sugestões de algum outro tema ou atividade em que tenham interesse. Carlos, jovem estudante da universidade, participou do grupo em um dia quando os demais participantes eram mais velhos, fazendo com que o assunto tivesse ficado mais voltado para aposentadoria e o que fariam no futuro. Durante o grupo, Carlos não interagiu, mas no feedback colocou que o tema não o interessava e que ele queria que fosse trabalhado o tema “timidez”. Tal tema foi abordado na semana seguinte, porém ele não retornou mais ao grupo.

Por meio da interação com os participantes ou com os pais das crianças do grupo infantil e das fichas de feedback dos grupos de adultos, que contêm questão sobre como os participantes ficaram sabendo do grupo, foi possível observar que as formas de divulgação atingiram pessoas de diversos lugares, como estudantes da universidade, pacientes do Hospital das Clínicas, servidores da universidade, inscritos na lista de espera para a psicoterapia individual, além de encaminhamentos feitos pelo CAPSi após conhecimento desta proposta.

Nos grupos de adolescentes e de crianças não se utiliza nenhum recurso como a ficha de feedback para avaliar o grupo, porém nota-se que seus participantes são bem mais responsivos, e em qualquer momento expressam espontaneamente se alguma atividade não os agradou ou se os agradou bastante. Por exemplo, no grupo de crianças, os coordenadores resolveram passar um vídeo de desenho animado sobre as diferenças de cada um. Logo que o vídeo começou, um menino falou que era chato e uma menina concordou, falando que era sem graça, mesmo não tendo assistido antes. Há situações nas quais as crianças demonstram não querer ir embora, tendo em vista o interesse na atividade, o envolvimento com as outras crianças e com os coordenadores.

Para algumas pessoas, os grupos são benéficos, gerando uma transformação da demanda, quando não veem mais necessidade da psicoterapia individual e preferem estar somente no grupo. Esse foi o caso de Ricardo, que foi à clínica para colocar seu nome na lista de espera do atendimento individual e lá o convidaram para o grupo. Começou a frequentar assiduamente e, a cada encontro, falava das mudanças positivas que o grupo havia proporcionado a ele. Quando foi chamado para a psicoterapia individual, ficou em

dúvida e apontou que o grupo já estava ajudando-o no que precisava e que não sabia se ainda desejava esse outro atendimento.

Entretanto, o contrário também pode acontecer, com inscrição na lista de espera após a participação em encontros dos grupos de dinâmicas. Um exemplo é o de Cristina, participante de um dos grupos de adultos, que desde o primeiro dia que participou deu um retorno positivo. Indicou que tinha gostado das coordenadoras e da atividade, e que voltaria na semana seguinte. Depois disso, participou de vários encontros, não comparecendo apenas em situações de mau tempo ou de compromissos concomitantes, justificando sua ausência. Nas fichas de feedback, sempre dava uma avaliação positiva. Depois de uma série de encontros em que ela participou, relatou que deixou seu nome para receber atendimento individual. Pode-se pensar que o grupo fomenta o desejo de um autoconhecimento, favorecendo a entrada no processo terapêutico individual posterior.

Há também uma “veterana”, Talita, que participa assiduamente dos encontros desde quando o projeto foi iniciado. Participa de dois serviços da Clínica (grupo de dinâmicas e psicoterapia individual) e não pensa em se desvincular de nenhum. Aponta que no grupo há atividades que são boas para a memória, queixa frequente somada a dores e cansaço, sequelas advindas de um acidente. Talita mora em uma cidade vizinha e relata que “no dia do grupo acorda cedinho, toma um banho, faz café e já pensa que não pode perder o ônibus” (sic). Conta que ir até lá é uma das poucas coisas que faz por vontade própria. Também brinca e indica que daqui a pouco vai conseguir seu diploma na universidade em grupo de dinâmicas.

Em um encontro do grupo de adultos, no qual o tema abordado foi o “medo”, foi interessante ouvir o relato de Érica que, durante a discussão do tema e das dinâmicas, falou sobre como achava legal ver que as pessoas têm opiniões tão diferentes e conhecer a realidade e o que cada uma pensa. Nesse dia, participaram três pessoas e ela também comentou sobre “como seria legal se o grupo tivesse mais participantes para trocar ideia” (sic), pois para ela estar em um lugar que ela não conhece ninguém e não tem nenhum tipo de vínculo emocional, falando de coisas que ela pensa e ouvindo outras pessoas, estava fazendo com que ela se sentisse mais leve. Lucas concordou com ela e relatou que, por mais que a realidade dele fosse muito diferente da dela e de Jaqueline, que também estava no grupo, ele estava lá com a cabeça aberta e pronto para ouvir também.

Considera-se que os grupos são marcados por oposições, conflitos, acréscimos, contribuições, participação e compartilhamento. Assim, o maior produto do grupo é a própria ação grupal, e não a sua tarefa ou objetivo grupal, pois é através das relações estabelecidas que os indivíduos se transformam e transformam o grupo (LANE, 1988 apud [VERÍSSIMO; VALLE, 2005](#)).

Ao longo do projeto, foi-se percebendo a pertinência de criar um grupo de adultos no mesmo horário que o grupo infantil vespertino, haja vista que alguns pais ficavam aguardando seus filhos na sala de espera ([CARDOSO; MUNHOZ, 2013](#)). Isso foi discutido e em pouco tempo outro grupo de adultos foi formado. Entretanto, esse grupo se reorganizou acolhendo não somente pais das crianças, mas outros participantes que vão intencionalmente para o grupo de adultos. Alguns pais do grupo infantil matutino, ao ficarem sabendo do grupo de adultos vespertino, demonstraram grande interesse por um grupo de adultos no período da manhã, concomitante ao grupo infantil. Essa demanda foi discutida, tendo sido efetuados arranjos para que outro grupo de adultos matutino e concomitante ao grupo de crianças fosse criado. Em seu primeiro dia, participaram três responsáveis por crianças do grupo infantil, que deram um retorno positivo, indicando que

“é sempre bom trocar uma ideia” (sic), que acharam “o tema muito interessante” (sic) e que foi bom estar no grupo, pois trabalhava a timidez do participante.

No que se refere ao grupo realizado na sala de espera, percebe-se que este é diferente dos demais. Durante a realização das atividades propostas, as pessoas que aceitam participar interagem com os coordenadores do grupo e compartilham de forma espontânea suas histórias, o que está acontecendo em suas vidas e muitas vezes trazem questões do âmbito psicológico. O grupo começa com os coordenadores falando sobre a atividade que vão fazer no dia; perguntam se as pessoas na sala querem participar e, no decorrer da atividade, acontece uma partilha de experiências, iniciada pelos próprios participantes, como uma conversa e, sem eles perceberem, acabam abordando alguns assuntos e temas que são tratados nos demais grupos de uma forma mais direta.

[Teixeira e Veloso \(2006\)](#) apontam que, enquanto as pessoas aguardam na sala de espera, elas falam de suas aflições, de suas doenças, da qualidade do atendimento na instituição e da vida cotidiana. Portanto, ocorre uma troca de experiências comuns, do saber popular e das diversas formas de se cuidar, de modo que o linguajar popular interage com os saberes dos coordenadores.

Um exemplo é o de Rosa, que é muito comunicativa e sempre ajuda as coordenadoras a chamar as pessoas na sala de espera para participarem também. Logo já começa a contar de sua vida. Em um encontro, começou a falar de seus problemas e Amanda, outra participante, compartilhou que tem uma irmã com o mesmo problema que ela, tendo começado a falar sobre formas de lidar com isso. Rosa também contou que havia conseguido uma caixa, que iria encapá-la para colocar as atividades que fazia no grupo e iria juntar materiais para fazer as atividades que ela aprendeu, na casa dela, porque percebia que faziam muito bem.

No grupo da sala de espera, os feedbacks mais comuns são os de que as atividades realizadas são boas para passar o tempo durante o qual deveriam estar esperando, sendo possível aprender coisas diferentes, legais e boas para diminuir o estresse. Rosa comentou que no grupo “parece que faz uma lavagem na cabeça da gente e a gente sai daqui mais leve” (sic). Nem todas as pessoas que estão na sala de espera se envolvem na proposta, porém, a maioria das pessoas acaba participando das atividades. [Veríssimo e Valle \(2005\)](#) apontam que com o grupo na sala de espera, um espaço informal da instituição é potencializado, atendendo pessoas que aparentemente não apresentam uma demanda por atendimento psicológico e também aquelas que estão aguardando para serem atendidas.

Uma dificuldade desse tipo de grupo relaciona-se com a estrutura física ([CINTRA; MACUL, 2006](#)), dado que a sala de espera é pequena, e às vezes a passagem que dá acesso à secretária da clínica fica obstruída. Além disso, atividades que necessitariam de um espaço maior, de mesa ou outras condições estruturais, ficam prejudicadas. O material disponível para apoio são as pranchetas, o que muitas vezes restringe o trabalho desenvolvido.

Algo para se atentar e ter cuidado refere-se à saída ou à troca de coordenadores em um grupo em que o participante já está vinculado com os coordenadores “antigos”, fato que pode gerar um afastamento desses participantes. É o caso de Vinicius, que possuía um vínculo maior com uma das coordenadoras do grupo de adultos em que ele participava. A coordenadora, que coordenava dois grupos de adultos, avisou com antecedência sua saída do projeto aos participantes, e em sua última semana, Vinicius participou de seu grupo de costume e do outro grupo que ela coordenava como “despedida”, porque depois de sua saída, optou por não voltar mais.

Outro exemplo é o de Aurora, que não gostou da troca de coordenadoras do grupo de adultos que ela participava. Por mais que as novas coordenadoras tivessem explicado para ela que a troca fora necessária, devido à indisponibilidade de horário delas, Aurora falou que não tinha gostado e achou uma “falta de respeito” (sic), porque já estava acostumada com as outras. Falou e participou bem pouco do encontro, sendo que com as coordenadoras anteriores ela era muito participativa, e não voltou mais por algumas semanas. Depois resolveu voltar ao grupo e aos poucos começou a participar mais, como antes. Por isso, é necessário ter cautela nesses tipos de situação, pois o participante do grupo e o coordenador estabelecem um tipo de vínculo, que se desfeito, pode ser prejudicial para o participante, mesmo nessa modalidade de grupo aberto, que não demanda esse tipo de vinculação por parte de seus participantes como o que ocorre nos grupos de caráter psicoterapêutico ([ZIMERMAN, 2000](#)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da experiência relatada, observa-se que as atividades grupais viabilizadas pelo projeto de extensão aqui apresentado, tanto em sua formatação original, restrita à lista de espera, quanto na seguinte, ampliada à comunidade, se configuram como um tipo de intervenção psicológica interessante e pertinente para implantação em clínicas psicológicas universitárias. Trata-se de um recurso que pode favorecer a vinculação das pessoas com o serviço, a diminuição da taxa de evasão e a promoção da saúde mental. Pode-se afirmar que constituem dispositivos promissores também para alcançar determinados ganhos terapêuticos, que em geral se esperam apenas dos dispositivos grupais tradicionais ou mesmo da psicoterapia individual.

Tais ganhos decorrem, entre outras coisas, do fato de os participantes se habituarem ao compartilhamento de suas questões, ora mais, ora menos íntimas; do sentimento de pertencerem a um grupo que, apesar de seu caráter aberto e imprevisto quanto aos participantes, ainda assim se apresenta como um ponto de estabilidade e sustentação para desenvolverem questões humanas, e que acaba beneficiando mesmo aqueles que não buscaram intencionalmente o serviço com essa finalidade. Sendo assim, trata-se de uma iniciativa que se alinha às atuais iniciativas de promoção da saúde que lançam mão de estratégias inovadoras atreladas às realidades singulares de cada contexto.

No serviço em questão notou-se uma ampliação das ofertas, com novos horários de atividades e diferentes propostas tendo sido implantadas, tais como o grupo de adultos com foco nos pais das crianças e o grupo de sala de espera, que apontam para a importância do trabalho realizado. A população aceitou bem o serviço e se beneficiou quanto às suas demandas. A despeito disso, observa-se ainda uma escassez de relatos de experiência e estudos sistematizados acerca desse formato de intervenção, fazendo-se necessária a realização de investigações nesse campo e a disseminação de práticas desenvolvidas.

SUBMETIDO EM 2 set. 2016
ACEITO EM 13 nov. 2017

REFERÊNCIAS

[BOECKEL, M. G. et al.](#) O papel do serviço-escola na consolidação do projeto pedagógico do curso de Psicologia. **Psicologia: Ensino & Formação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 41-52, abr. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. 2016.

[CARDOSO, A. M.; MUNHOZ, M. L. P.](#) Grupo de espera na clínica-escola: intervenção em arteterapia. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 43-54, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 set. 2016.

[CINTRA, M. E. R.; MACUL, P. G. S.](#) Uma experiência de Arteterapia aplicada em na sala de espera de um Centro de Acolhimento para Refugiados. **Psicologia para América Latina**, México, n. 5, fev. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 set. 2016.

[GUERRELHAS, F. F.; SILVARES, E. F. M.](#) Grupos de espera recreativos: proposta para diminuir o índice de evasão em clínica-escola de psicologia. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 313-321, dez. 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 abr. 2016.

[GUERRELHAS, F.; BUENO, M.; SILVARES, E. F. M.](#) Grupo de ludoterapia comportamental X Grupo de espera recreativo infantil. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 157-169, dez. 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452000000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 abr. 2016.

[LÖHR, S. S. et al.](#) Prevenção e promoção da saúde: um desafio na formação de psicólogo. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 2015-222, 2013.

[MARTURANO, E. M.; SILVARES, E. F. M.; OLIVEIRA, M. S.](#) Serviços-escola de psicologia: seu lugar no circuito de permuta do conhecimento. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, p. 457-470, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 set. 2016. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-15>.

[MILAGRE, I. M. S.; DIAS, A. G.](#) Abandono do tratamento psicológico na clínica-escola do UNIPAM: reflexões institucionais. **Perquirere**, v. 9, n. 1, p. 55-69, 2012. Disponível em <<http://perquirere.unipam.edu.br/documents/23456/55708/abandono.pdf>>. Acesso em 01 set. 2016.

[PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B.](#) Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estudos de**

psicologia, Campinas, v. 20, n. 3, p. 47-57, Dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2003000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2003000300004>.

PERES, V. L. A. Triagem psicológica grupal: procedimento e resultados obtidos com lista de espera de crianças, adolescentes e adultos, em uma clínica-escola de psicologia. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 12-13, p. 63-76, Ago. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1997000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1997000100006>.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, R. C. **Metodologias Participativas para trabalhos de Promoção de Saúde e Cidadania**. São Paulo: Vetor Editora, 2002.

TEIXEIRA, E. R.; VELOSO, R. C. O grupo em sala de espera: território de práticas e representações em saúde. **Texto contexto - enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 320-325, Junho 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 mai. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000200017>.

VERÍSSIMO, D. S.; VALLE, E. R. M. Grupos de sala de espera no apoio ao paciente somático. **Revista da SPAGESP**, v. 6, 28-36, 2005. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v6n2/v6n2a04.pdf>>. Acesso em 30 ago. 2016.

YALOM, I.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000.